

Praça de Bolso do Ciclista: uma construção comunitária.

Luis Claudio Brito Patricio

Associação de Ciclistas do Alto Iguaçu – Cicloiguaçu
Rua Presidente Faria 226, Centro 80020-290 Curitiba PR
(41) 3153-0022
lcpatricio@gmail.com

RESENHA

A construção de uma praça, num vazio urbano no centro histórico de Curitiba, por meio de um regime de mutirão demonstra que é possível um outro nível de participação popular no planejamento urbano da cidade. E demonstra como um maior envolvimento pode gerar uma apropriação diferente do espaço.

PALAVRAS-CHAVES: espaço público, cidadania, ativismo, praça

INTRODUÇÃO

Segundo Custódio et al (2013), os fatos mais importantes das duas últimas décadas em relação ao transporte urbano são o aumento exponencial e constante da frota de veículos automotores, a ampliação das redes de estradas e a adaptação cada vez maior das redes viárias urbanas ao automóvel, ao ônibus e ao caminhão, com os inerentes conflitos criados.

Conflitos estes que tornam o ambiente urbano, em especial os centros históricos com grande fluxo motorizado, áreas hostis ao convívio humano ao mesmo tempo que promovem a dispersão urbana para regiões cada vez distantes, gerando assim vazios nas regiões centrais com prédios desocupados e áreas inutilizadas, cenários bastante comuns em quaisquer dos grandes centros urbanos brasileiros. O caráter de abandono é propício para atrair o uso indevido do espaço, o que por sua vez afasta o interesse pelo imóvel e perpetua-se assim um ciclo de degradação.

Foi num terreno como esse, situado no Centro Histórico de Curitiba, que um grupo organizado da sociedade civil identificou alguns aspectos desse problema e resolveu buscar uma solução para remediá-lo.

DIAGNÓSTICO, PROPOSIÇÕES E RESULTADOS

O espaço em questão é uma pequena praça situada na esquina da Rua São Francisco, antiga Rua do Fogo, com a Rua Presidente Faria no Centro de Curitiba. A praça e o trecho de rua contíguo, até o início do ano de 2014, era caracterizada como uma área “escura, deserta, perigosa, com vários pontos cegos e muitos carros estacionados ao longo de toda sua extensão.” Essa foi a avaliação que deu início às cobranças endereçadas ao poder público para que algo fosse feito no sentido de tornar essa área mais habitável. Inicialmente houve uma abertura para o diálogo e a declaração que a área citada fazia parte de um plano de recuperação de espaços públicos e seria, no futuro, revitalizada. Entretanto, o processo burocrático prometia ser lento e demorado por conta das restrições impostas pelas obras para a Copa do Mundo da FIFA e as eleições presidenciais. Em contrapartida, em fevereiro de 2014, Curitiba recebia o 3º Fórum Mundial da Bicicleta e parte das atividades se dariam próximas à praça. Foi neste contexto que surgiu a proposta inusitada para que a reforma da praça fosse conduzida pelos próprios cidadãos que de forma inédita foi aceita pela prefeitura. A pintura de um mural no paredão de fundo da praça selou o acordo.

Isso supera até mesmo a inclusão da leitura popular no processo de planejamento urbano proposta por Vaz e Pereira (2010) para criar uma identificação entre o usuário e o espaço criado. No processo descrito por esses autores, a discussão gira em torno de como extrair as imagens geradas pela leitura popular sem deturpá-las para que o poder público possa aplicá-las de forma adequada a manter sua essência e consequentemente a ligação do usuário com o espaço, mas sem cogitar a possibilidade do desenho e a própria forma urbana ser construída por esse mesmo usuário. O que resulta num processo de identificação e ligação ainda maior como ficou comprovado com a construção coletiva da Praça de Bolso do Ciclista.

Vale notar que não apenas o trabalho foi executado pelos cidadãos, mas o próprio projeto arquitetônico da praça foi discutido junto à população interessada. O processo de negociação que durou de janeiro a maio de 2014 foi relativamente rápido levando-se em consideração os trâmites administrativos que costumam passar as obras públicas e podem levar até anos para que sejam efetivamente iniciadas como a implantação da ciclofaixa da Avenida Marechal Floriano Peixoto anunciada desde 2007 (VOITCH, 2007) e apenas após 4 anos, o início das obras foi efetivamente anunciado pela Prefeitura de Curitiba (2011).

Tabela 1. Resumo das principais atividades organizadas na Praça de Bolso entre junho e dezembro de 2014.

Tipo de atividade	Quantidade
Performances teatrais	5
Shows musicais	27
Festas culturais	3
Aulas universitárias	6
Debates públicos	9
Exibição de filmes	8

Após o processo de negociação, foram iniciados os mutirões que ocorreram durante 19 fins de semana consecutivos de maio a setembro de 2014. A média de público foi de 100 pessoas por dia. Fora a movimentação inicial da terra que requisitou equipamento mais pesado, todo o trabalho de construção e pavimentação foi feito de forma voluntária pela população. Além do grupo que trabalhava efetivamente na construção da praça, foram realizadas atividades paralelas com oficinas de mosaico, espaço para crianças, lanches comunitários, performances artísticas, plantio de mudas, pinturas entre outras. Um levantamento parcial dessas atividades encontra-se na Tabela 1.



Figura 1. Mutirão na Praça de Bolso do Ciclista em maio de 2014.

Quanto ao material utilizado, houveram algumas contribuições pontuais da prefeitura que chegou a trazer materiais como pedras e areia, contudo mais de 80% foi feito com apoio da iniciativa privada. Não apenas o material de construção civil para obra, muitos comerciantes da área ofereciam água, refeições e frutas sem custo.

O gerenciamento e organização das atividades ocorreu durante todo o período de construção da praça. Reuniões de planejamento eram realizadas antes e depois dos mutirões, mas não no sentido convencional de definir tarefas e cobrar resultados de cada participante. O objetivo principal era simplesmente viabilizar o acolhimento dos interessados em participar da forma que quisessem. Apesar do processo em si parecer caótico, o princípio do projeto seguiu uma linha urbanística chamada “cidade pra pessoas” (GEHL, 2014) que propõe quatro requisitos para as cidades: vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Intencionalmente buscou-se criar essa apropriação de cada um com o espaço público e o trabalho sendo realizado.

Uma das evidências dessa identificação e apropriação foi que, numa área com grande índice de pichações e pichadores, o muro novo que foi levantado ficou branco e intacto durante três semanas quando recebeu uma pintura definitiva por artistas locais. Um pequeno pedaço de muro foi preservado para registrar os três períodos históricos do local: a construção original por volta do século XIX, um vão da porta preenchido com alvenaria tradicional algumas décadas mais tarde e um arrimo feito em 2014 durante a revitalização para segurar a estrutura.

A ampla cobertura da mídia também exerceu uma influência positiva, atraindo mais voluntários e curiosos para a praça. Entre maio de 2014 e janeiro de 2015 foram registradas 37 notícias em jornal, TV, rádio e revista. Sem levar em conta as matérias restritas a internet veiculadas em sites e blogs nacionais e internacionais. Inclusive gerando a produção de um documentário curta-metragem (VALENTINNA FILMES, 2015).



Figura 2. Evento Cultural na Praça de Bolso do Ciclista em dezembro de 2014.

CONCLUSÕES

Iniciativas como essas demonstram que o interesse e disposição popular alinhado com uma administração pública aberta e participativa pode produzir resultados positivos. A apropriação da Praça de Bolso do Ciclista por parte dos cidadãos foi ocorrendo gradualmente ao longo de sua construção e antes mesmo de sua inauguração oficial no dia 22 de setembro de 2014, diversos eventos públicos já haviam sido realizados. Todos esses fatores acabaram transcendendo a

dimensão física da Praça de Bolso do Ciclista e toda a quadra contígua teve um aquecimento no comércio com a abertura de bares, restaurantes, lanchonetes, lojas de artesanato e ateliers numa rua que antes era evitada por ser deserta e servia apenas para estacionar carros.

Em relação aos aspectos negativos, a constante movimentação noturna praticamente todos os dias da semana, tem gerado reclamações constantes de moradores e de uma escola localizada próximo à praça.

De qualquer forma, a experiência foi considerada bem sucedida e tem despertado o interesse em replicar o modelo em outras partes da cidade, porém, com base nesta experiência, acredita-se que para viabilizar esse processo não basta que os cidadãos que frequentam e habitam no entorno participem, ele deve ser iniciado e conduzido por esses mesmos cidadãos. O desafio fica em como despertar essa iniciativa cidadã sem recair num modelo imposto de cima para baixo, mas que possa ativar os verdadeiros anseios de cada comunidade no sentido de promover mais espaços atraentes de convivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUSTÓDIO, Vanderli et al. Sistemas de espaços livres e forma urbana: algumas reflexões. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR 15**. Recife. 2013.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

Prefeitura de Curitiba. **Obras da Ciclofaixa na Marechal Floriano começam em novembro**. 2011. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/obras-da-ciclofaixa-na-marechal-floriano-comecam-em-novembro/24665>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

VALENTINNA FILMES. **Praça de Bolso do Ciclista**. Curitiba. 2015.

VAZ, Murad J. M.; PEREIRA, Élson M. Imagens urbanas: diretrizes de planejamento e desenhourbano baseadas na leitura popular de espaços públicos. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)**, v. 2, n. 1, p. 29-42, jan./jun. 2010.

VOITCH, Guilherme. Primeira ciclofaixa de Curitiba será na Avenida Marechal Floriano. **Gazeta do Povo**. Curitiba. 2007. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/primeira-ciclofaixa-de-curitiba-sera-na-avenida-marechal-floriano-aos8a8n71k214t1dk5rvwtjda>>. Acesso